



Para Volcker, concessão é prêmio por medidas de austeridade

Volcker apóia limitar juro cobrado de país endividado

Nova Iorque — O presidente do Banco Central (Federal Reserve Board) dos Estados Unidos, Paul Volcker, sugeriu que os bancos limitem as taxas de juros que cobram a países do Terceiro Mundo. A sugestão foi feita no sábado, num encontro em Hot Springs, em Virgínia, do qual participam cerca de 100 presidentes das mais importantes empresas americanas.

Volcker — segundo o *New York Times* — aparentemente teme que uma grande elevação das taxas de juros aumente a pressão sobre os países do Terceiro Mundo. A limitação das taxas de juros em operações de empréstimo a países em desenvolvimento tem sido levantada nas últimas semanas nos EUA. Ela já foi apoiada por pessoas como Anthony Solomon, presidente do Federal Reserve de Nova Iorque, onde foi discutida na semana passada, durante três dias, por um grupo de 30 representantes de bancos centrais, organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial, além de banqueiros.

Negociação deverá mudar

Na conferência de Hot Springs, Volcker disse que agora parece apropriado entrar numa nova fase de financiamento, com um programa que — segundo ele — ajudaria a consolidar os ganhos feitos por alguns países, e evitar que a situação piore em outros. (Embora não tenha se referido a países, ficou entendido que, no primeiro caso, ele se referia principalmente ao México e, em grau menor, ao Brasil e à Venezuela; no segundo caso, falava da Argentina).

Volcker afirmou que vale a pena ver que tipo de arranjos podem ser feitos para lidar com a alta de taxa de juros, qualificada como "ameaça particularmente importante à estabilidade financeira desses países". Entre as diversas formas de limitação dos juros em discussão, segundo o *Times*, estão a cobrança dos chamados "juros reais", isto é deduzir dos juros atuais a taxa da inflação (ambos nos EUA). A diferença não seria paga, mas acrescida ao principal das dívidas desses países.

As declarações de Volcker foram feitas numa breve entrevista num dos intervalos do encontro. Em Nova Iorque, muitos banqueiros ainda não assimilaram bem a idéia de limitar os juros, mas parece estar nascendo um consenso de que o atual tipo de negociações anuais não tem grande futuro. Alguns negociadores, como o banqueiro William Rhodes (coordenador das renegociações do Brasil e do México), ainda afirmam que a negociação caso a caso tem sido bem-sucedida e que a limitação

dos juros acabaria por prejudicar os países, mais do que ajudá-los.

Concessões como prêmio

Os banqueiros gostariam também de ver a **prime rate** cair e tanto eles como a Casa Branca responsabilizam justamente o Federal Reserve por boa parte da alta das taxas, o que está provocando intensa discussão de bastidores. Na semana passada, Rhodes fez uma pesquisa e concluiu que a opinião dos bancos a respeito de limitação dos juros varia muito.

Segundo o *Times*, Volcker deixou claro que as concessões aos países endividados devem ser feitas como "prêmio" às medidas de austeridade que já tenham tomado para atender a normas ditadas pelos credores e pelo FMI.

"Eu acho que potencialmente alcançamos o estágio em que alguns desses países — eu não vou generalizar — têm feito ou estão fazendo suficientes progressos em seus programas de ajustamento interno, em suas balanças comerciais e posição financeira, o que tem deixado algum espaço para a retomada do crescimento econômico. E alguns deles têm retomado esse crescimento", lembrou Volcker, que disse ser hora de pensar numa nova fase de refinanciamento numa perspectiva a mais longo prazo.

A limitação dos juros seria, assim, um prêmio de "bom comportamento" a países como o México e o Brasil que — segundo os banqueiros — estão colocando a situação de suas dívidas em dia". O México foi provavelmente o caso de recuperação mais efetiva que já vi, enquanto o Brasil está em dia", declarou rapidamente Walter Wriston, presidente do Citibank, num intervalo das sessões. A única dificuldade parece ser a Argentina. O Presidente daquele país, Raul Alfonsín, criticou (como fez o Brasil) os aumentos da **prime rate** americana, classificando-a de "loucura capaz de ameaçar a estabilidade social do país".

A vinculação da limitação dos juros à adoção de programas de austeridade funciona, na verdade, como um aviso à Argentina, que vem resistindo a seguir a receita do FMI. O Ministro da Economia da Argentina, Bernardo Grinspun, disse várias vezes, em Nova Iorque, que isso significaria condenar o povo argentino à fome. Como um novo prazo para a definição argentina está se aproximando rapidamente, a discussão sobre limitação de juros acaba também servindo como um forte fator de pressão sobre Buenos Aires.